

## Como estragar um filho – regras básicas

António Mazzi

*Como estragar um filho em dez jogadas*

Lisboa, Paulus Editora, 2006

*(excertos adaptados)*

### 1. Ande com um ar deprimido

Num estudo sobre crianças e solidão, feriu-me e entristeceu-me uma constatação que as próprias crianças fazem: 52 em 100, com efeito, afirmaram que elas não são solitárias, mas os seus pais, sim. As crianças viam no olhar dos adultos a frustração, a depressão e o cansaço afectivo e psicológico (o adjectivo “psicológico” acrescento-o eu, entendamo-nos). Por isso, creio que não nos deve passar despercebida esta sensação deprimente.

Em poucas palavras, os nossos filhos, muito mais atentos e perspicazes do que pensamos, admitem quase resignados: “O que podemos esperar de uma pobre mãe, de um pobre pai, em plena crise existencial, tristemente curvados sobre si próprios, incapazes de encontrar tempo e espaço para a sua própria ternura e intimidade amorosa?”. Parece que os jovens já não se deixam fascinar nem sequer encantar com as inúmeras iniciativas que os seus pais tomam para passar o serão. São apenas paliativos e tentativas banais de preencher um vazio de comunicação e a carência de manifestações genuínas de afecto.

O estudo diz-nos que 7 em cada 10 crianças passam o dia a acumular actividades desportivas, aprendizagem de língua estrangeira, música, dança, catequese, saltitando como gafanhotos de umas instituições para as outras. Os miúdos inverteram alegremente a nossa investigação, a nossa análise sobre eles. Deixo escapar um sorriso quando penso que há anos que andamos, um tanto hipocritamente, a dissertar e a ditar sentenças sobre a sua solidão, as suas dificuldades, as suas grosserias, as suas paranóias e os seus bandos.

Continuamos, para nossa vergonha, a encher livros sobre a adolescência. Desgastamos as palavras que dizemos. Consumimos sem critério os momentos da vida e deitamos ao ar todos os dias inúmeras ocasiões para superar a solidão, a nossa e a deles. Também eu vou dizendo que os adolescentes de hoje exigem uma presença mais qualificada e motivada dos adultos. Sempre o disse e esperei que o papel de pai fosse a primeira prioridade para quem escolheu trazer filhos ao mundo. Pelo contrário, parece que, na ordem dos valores, os nossos filhos vêm em terceiro ou quarto lugar.

Nós, adultos, temos privilegiado teimosamente o trabalho, um conforto acéfalo e símbolos de um status a roçar a teatralidade, convencidos de que estas coisas preenchem a alma. Pelo contrário, estamos ainda mais sós que antes. Não são os psiquiatras nem os psicanalistas que o dizem, mas os nossos filhos. E estes não fazem batota!

## **2. Transforme a família numa caixa cheia de solidões**

Ser pais, nestes tempos, não é o trabalho mais gratificante.

Drogas, não só as ligeiras, mas acompanhadas abundantemente de bebidas alcoólicas, consumidas por um em cada três adolescentes; grupos de rapazes e raparigas que para se divertir recorrem à violência, ao vandalismo e ao roubo; escolas que abrem com ameaças de greve, emprego incerto, disciplinas sem professor e professores desmotivados. E por último, se quisermos, mas não menos importante, crianças obesas. A Itália, por exemplo, é o primeiro país europeu que não sabe educar as suas crianças numa alimentação adequada nem numa igualmente adequada actividade física e desportiva.

Ficar mais preocupado com a obesidade do que com a droga e o álcool não é inteligente. Todavia, perfilados uns após outros, estes factores não podem de modo nenhum deixar-nos indiferentes porque, no fim de contas, todos convergem em direcção ao primado do capricho. Pobres pais! Quero, então, deixar este alerta, não para alarmar ainda mais, mas apenas como ocasião para voltar a reflectir e a reorganizar a nossa vida (de adultos) e a vida deles (de jovens). Um suplemento de um grande jornal italiano fez, há tempos, uma reportagem sobre o estado de saúde dos nossos filhos, região por região. O dado que mais se destacava e o mais pesado era o mal-estar espiritual que, ainda que de diferentes modos, nos vai ferindo a todos.

Desapareceram aquelas relações educativas fundamentais que uniam positivamente os pais aos filhos. Temos tentado substituir estas relações interrompidas com um pouco mais de presentes, de comida, de objectos de todo o tipo. Os jovens responderam engordando, fechando-se nos seus quartos, perdendo a auto-estima. A família, em poucos anos, de um ninho quente e seguro tornou-se uma caixa cheia de solidões. Apressemos-nos a tomar medidas. Começemos a qualquer hora a ouvirmo-nos mais, recorramos menos ao multibanco, retiremos à Rua e à Televisão tudo o que nelas temos vindo a delegar.

## **3. Repita-lhe mil vezes ao dia...**

- 1.«Nunca deves cansar-te com um problema sério.»
- 2.«Deixa que os outros tomem a iniciativa. Tu, prepara-te para os aldrabar.»
- 3.«Lembra-te sempre que o esforço cheira a suor e anda de fato-macaco.»
- 4.«Deixa sempre para depois de amanhã o que deverias fazer hoje.»
- 5.«Nunca te ofereças como voluntário.»
- 6.«Os melhores só ficam bem nas finais dos campeonatos desportivos de série a.»
- 7.«O exercício é uma coisa boa para os outros.»
- 8-9-10. As últimas regras exigem demasiado esforço físico e psíquico e por isso são deixadas à esperteza de cada um.

#### **4. Coloque a família sempre depois do trabalho**

Li há tempos num jornal inglês uma coluna digna de atenção. Dizia a notícia que o director do colégio frequentado pelos dois filhos de Tony Blair lhes tinha marcado falta injustificada porque tinham regressado um dia mais tarde das férias de Natal. Não contente com isso, o director convocou *ad limina* tão augusto pai. Grande surpresa e ocasião de espanto, creio eu, é, para nós, italianos, e talvez também para qualquer outro cidadão de um país europeu, saber que tão destacado pai se prestou a ir à escola apanhar uma “ensaboada das grandes”. Cito entre aspas a expressão porque me parece significativa. Certo é que o primeiro-ministro inglês se comprometeu a não repetir semelhantes irregularidades.

Se os pais estivessem mais vigilantes e presentes ao longo do ano escolar e colaborassem mais para que professores, directores e alunos desempenhassem melhor as suas tarefas, veríamos muito mais normalidade e calma no mundo tão importante da escola. Um estado democrático que não investe o seu melhor no ensino e na educação dos jovens terá pouco fôlego e uma total incapacidade de projectar o seu futuro.

Volto à questão dos pais. A sua presença na vida quotidiana dos filhos é muito importante. Tem sido deixado demasiado espaço às mães, que têm que fazer da necessidade, virtude. Recordo aqui uma frase de Hummel, breve e incisiva: «O perigo maior na vida de um adulto é permitir que as coisas urgentes não deixem espaço às importantes». O telefonema para o cliente, a revisão do carro, uma passagem pelo banco para resolver uns assuntos.

Esbracejarmos e multiplicarmo-nos dia após dia para melhorar o nosso desempenho profissional não nos garante seriedade nem sentido do dever. Os pais deviam compreender que manter em alta o seu desempenho, por vezes, exige reencontrar os pequenos momentos de intimidade com a família, exige ter a coragem de dizer e fazer com os filhos algo que sirva para restituir o sentido e novas perspectivas à vida, para além da profissão. A chamada lista de deveres rouba demasiadas vezes o tempo para as coisas importantes que acabam por ir para a lista de espera.

#### **5. Superproteja-o**

Um pai separado fartou-se de pagar 750 euros por mês ao filho licenciado, com quase trinta anos, titular de uma quota de investimento equivalente a 258 mil euros, que já recusou vários trabalhos porque continua indefinidamente a fazer pós-graduações e especializações. Os juízes deram razão à insatisfação do menino da mamã e, uma vez que o pai é um rico industrial napolitano, deve continuar a sustentá-lo. Não discuto a riqueza do pai mas discuto, sim, esta destruidora e louca visão super-protectora da educação dos filhos.

Se se deve punir o pai separado ou compensar e apoiar a mãe, faça-se de outro modo. A lei oferece amplas possibilidades de assistência ao cônjuge abandonado. Tudo isto, porém, soa a sentenças de estilo populista e caseiro. O certo é que os nossos filhos têm que ser educados desde cedo. A maioria deve ser uma meta em todos os sentidos.

## 6. Caro pai, seja o mais fraco possível!

Há algum tempo que a figura paterna regressou, em boa hora, às honras das crónicas e das reflexões dos iluminados. A paternidade, colocada em questão pelo período revolucionário dos anos 60 e pela vontade ideológica de acabar com ela como causa da crise familiar, nacional e internacional (na opinião de alguns intelectuais dos anos 60), permaneceu durante algum tempo enfraquecida e debilitada. O rei, nu e privado do secular pedestal da autoridade, ainda não conseguiu substituí-la por uma liderança autorizada, capaz de o recolocar com dignidade, depois de um banho purificador de vinte anos, no lugar que lhe cabe.

Pelo contrário, com o passar dos anos, não só ficou sem pedestal como fez tudo para que a tão invocada verdadeira autoridade não germinasse. É demasiado trabalho, para um rei de brincar, substituir a humildade pelo comando. Colocar-se ao lado dos filhos e da família como companheiro de viagem, grisalho não só na cabeça mas também já no coração por causa das frustrações de um quotidiano difícil, não lhe parece ainda hoje suficientemente gratificante.

A reflexão sobre a figura do pai e a sua fraqueza vem-me agora a “talho de foice” para dar voz ao milésimo aviso sobre os distúrbios dos nossos filhos. Nas escolas do ensino básico e preparatório estão a tornar-se evidentes três tipos de violência persecutória: física, preferida pelos rapazes, psico-verbal, que se manifesta mais nas raparigas, e “indirecta” — sob a forma do culto da vulgaridade —, igualmente distribuído entre os dois sexos. Estou cansado de ler estudos sobre esta violência dos nossos filhos e sobre a prepotência que alguns deles exercem sobre os mais fracos, privilegiando a denúncia em detrimento das acções concretas.

Não nos podemos limitar a esperar pela tragédia que eventualmente se espalha e ganha raízes, mas urge reforçar cada pormenor que favoreça o bem-estar, os valores, o aprofundamento interior da vida dos nossos jovens. Para isto, a família e a escola não podem ser invocadas retoricamente, apenas quando os filhos já se tornaram carrascos ou vítimas. A família deve ser recolocada no seu próprio lugar, isto é, lugar de crescimento e de educação das novas gerações.

Urge criar uma política não só da família mas de toda a sociedade, que produza uma rede de sistemas capaz de dar resposta com urgência a quatro necessidades fundamentais: prioridade aos jovens, organização dos serviços, remodelação dos tempos da escola e do trabalho, formação permanente e supressão de inteiros bairros urbanos que nasceram apenas para enriquecer empreiteiros e multiplicar os bandos de energúmenos e os *gangs* de jovens em risco.

É preciso convencer os adultos a fazer de adultos e dar ao tempo livre todo o valor e importância que ele merece. Tornemos mais acolhedores os espaços onde os jovens possam estar juntos. Tomemos iniciativas significativas no campo da música, do desporto, dos intercâmbios internacionais e das boas aventuras. O excesso de energia que os nossos jovens acumulam por causa do grande desenvolvimento característico da primeira adolescência, devemos nós, antes de mais, procurar canalizá-lo para actividades desportivas, que tenham como objectivo a harmonia do seu corpo.

Aos doze anos, as suas pequenas “centrais bioquímicas” disparam a uma velocidade supersónica. Por essa razão exigem de nós que os não deixemos simplesmente prisioneiros de uma cadeira da sala de aula durante seis a sete horas por dia ao longo de seis a sete anos. Facilmente acumulam a agressividade que, acompanhada de má educação, dá origem àqueles fenómenos de violência persecutória que todos andamos a tentar evitar. Não me cansarei de dizer que os verdadeiros educadores jogam sobretudo a carta da prevenção e não a do alarmismo.

## **7. Recorde as boas maneiras**

Suicídio e libertação total de inibições: são estas as duas margens externas que delimitam os dramas dos jovens dos últimos tempos. Gostaria, pois, de me deter numa destas margens, isto é, na triste e absolutamente injustificada grosseria dos bandos de delinquentes. Não vou sobrevalorizar os factos, nem vou pôr etiquetas bombásticas nos meninos que querem brincar aos delinquentes. Já o escrevi. Com a ideia fixa que ultimamente me traz preocupado, voltarei à figura demasiado apagada do pai moderno.

Há muito tempo que os adultos, sobretudo os homens, exteriorizam inconscientemente uma desconcertante dose de má educação. Transgridem e ignoram as mais simples e fundamentais normas de convivência social. Estacionamento em terceira fila, passagem do semáforo vermelho, palavrões e gestos impensados, humor grosseiro a respeito de amigos e inimigos, passeio do cãozinho que deixa o passeio imundo; latas de bebidas e beatas de cigarro lançadas janela fora dos carros, relampejo furioso dos faróis e grandes buzinas; desprezo absoluto pela distância a respeitar entre dois carros, cigarro aceso na aula ou nos locais onde é proibido; resposta indignada a quem lhe tenta fazer respeitar as regras; pernas esticadas em cima da mesa; chacota e troça sistemática do vigilante ou do segurança; Kawasaki 1000 a toda a velocidade e com o maior estrondo.

A lista mal começou e, por uma questão de boa educação, fiquei-me pelas infracções mais evidentes e consideradas ligeiras. Porém, não são nada ligeiras, porque geram nas crianças a mentalidade da transgressão que amanhã comprometerá todo o seu comportamento. É precisamente aqui que encontro a origem do mau comportamento de muitos adolescentes, mesmo de “boas” famílias. Gostaria muito que os pais reflectissem sobre estas coisas “simples”. Começemos já a mudar, a partir de agora, antes de recorrer à polícia e às sanções proibitivas.

## **8. Encha-o de lambarices**

Diz-se que as nossas crianças são obesas. Eu, rio-me para mim mesmo e para os outros, e uso há algum tempo o simpático epíteto “gorduchinhos”, aplicando-o a uma boa parte dos filhos de hoje. Parece que a Península Itálica está nos primeiros lugares, com 35% de crianças XL. Em Teramo, por exemplo, nasceu uma experiência num centro desportivo italiano que, acabando com dietas de emagrecimento e conversas com o psicólogo, usou apenas o desporto, e com resultados muito positivos, para diminuir o peso dos “gorduchinhos”.

Em oito dias de internato foram inseridos programas e actividades cuidadosamente preparadas que permitiram às crianças divertir-se, esforçando-se sem se dar conta, num treino inteligente e num ambiente festivo, ao fim do qual foram entregues aos pais com o peso e forma adequados à sua idade. Acordar cedo, uma boa caminhada, pequeno-almoço às oito, à base de leite, iogurte, bolachas e fruta. Durante a manhã, um longo passeio no campo. Ao almoço um menu característico de atleta. Uma tarde preenchida com actividades especificamente desportivas: psicomotricidade, exercícios de ginástica, jogos monitorizados, muita natação, partidas com desportos de grupo (voleibol, basquete, rugby, golfe, etc...). O jantar, de novo baseado em alimentos que os gorduchos quase nunca comem.

Cozinheiros propositadamente preparados educam e ajudam estes simpáticos “atletas” a apreciar o sabor das verduras, da fruta, do queijo, dos ovos e de outros alimentos naturais. O ambiente é muito calmo, evitam-se todos os esforços e desportos mais cansativos. Não há televisão, o dinheiro é entregue ao instrutor, nada de bar, para afastar as crianças das habituais tentações (batatas fritas e afins...). Se alguma dúvida me resta é o regresso a casa destas crianças onde reencontrarão a mãe, o pai, as batatas fritas, os pastéis e, depois de algumas semanas, a barriguinha....

## **9. Tem que ser o mais bonito de todos**

Nos Estados Unidos, as mães levam os filhos ainda pequenos à clínica para fazer massagens, manicura e outros tratamentos variados. Hoje em dia está na moda ir à esteticista, não para resolver os problemas estéticos das mães de quarenta anos mas para prevenir eventuais desarmonias físicas dos filhos, sobretudo se adolescentes. Este costume, na América, começou depois do terrível 11 de Setembro.

O stress, o medo, a tristeza em muitas crianças, provocado pela falta de auto-estima, já existia antes. Segundo os especialistas, tudo se precipitou e assumiu grandes proporções com a queda das duas torres. O desespero dos pais encontrou nas lojas de beleza uma porta de saída muito mais simples do que as vias habituais, isto é, a medicina, a ida ao psicanalista, longas esperas nas portarias das clínicas médicas, ou pior, psiquiátricas.

Inicialmente, a notícia deixou-me surpreendido. Seguidamente, reflecti um pouco e encontrei motivos que não devem ser menosprezados. Por exemplo: hoje em dia, muitos adolescentes não se aceitam. Consideram-se feios, terrivelmente feios. Aliás, hoje, para um jovem, tudo o que não é perfeito é feio. Não creio que os inexplicáveis impulsos dos jovens sejam apenas exibicionismo perverso e vontade de escandalizar a todo o custo. O corpo esteve demasiado tempo sacrificado ao espírito, ao trabalho, ao suor, à pátria, à ascese. Com o corpo, porém, todos temos de fazer contas.

Embonecar-se é uma idiotice, mas estar bem consigo próprio é necessário. Penso que, se os jovens se escondem por detrás de óculos de sol, cabelos de várias cores, piercings, pregos, grandes saltos, calças à pata de elefante, camisolas com gatafunhos, mini-saias de boneca sem-vergonha, é porque se desprezam.

Creio que vamos rindo demasiado e reflectindo demasiado pouco sobre este fenómeno que de modo algum deveríamos banalizar. Em qualquer rapaz há já os sinais patológicos da não-aceitação de si próprio. E certos factos de mau gosto bem podem ser interpretados neste contexto... O mal-estar é tanto que, se bastasse um banho aromático, massagens bem feitas, um tratamento anti-acne que fizesse brilhar a beleza encantadora dos nossos filhos, para acabar com o suicídio, a anorexia, as depressões, não me atreveria a alimentar escrúpulos a respeito de eventuais experiências. Desde que haja equilíbrio, medida e clareza. E que o cuidado do corpo não se torne uma obsessão (manipulações, intervenções cirúrgicas, operações plásticas).

## **10. Venda-o ao êxito desde pequenino**

É assustadora a triste compra e venda de jovens regularmente aceite diante dos nossos olhos, em nome do desporto. Ver e ouvir pais, treinadores, presidentes de clubes de futebol disputar no mercado filhos e jovens atletas ainda meninos como se fossem animais, permite-nos tomar o pulso ao nível da moralidade e profundidade de consciência de uma parte da sociedade que considerávamos honesta e decente.

É inútil gritar contra os políticos e a corrupção, quando no nosso pequeno meio tocamos estes cumes da miséria. Não é a primeira vez que assisto, infelizmente para mim, a pressões “indecentes” da parte dos pais para que o filho ou a filha possam entrar em determinado programa de televisão ou em certo tipo de festival da canção. Não posso acusar apenas os pais, não posso deixar de acusar aqueles que, nos bastidores, montam o espectáculo, juntamente com os pais.

Cada vez que, lendo o Evangelho, nos defrontamos com o passo em que Judas vende Cristo por trinta dinheiros, reagimos intensamente no nosso íntimo. Consideramo-nos muito longe deste modo de pensar e, escandalizados, gostaríamos que tal nunca tivesse acontecido. Não nos ocorre que vender os nossos filhos de poucos anos a um clube de futebol é, de certo modo, mais perverso e escandaloso? A história constrói-se ajudando os nossos filhos a sonhar projectos válidos e dignos de serem vividos. São eles o nosso “Cristo”.

E nós corremos o risco, uma vez mais, de ser aqueles judeus concentrados na praça do templo, irados e reclamando a libertação de Barrabás. Os adultos, vergonhosamente submetidos aos ídolos do dinheiro e do sucesso, fazem recuar a história e relegam-na para o papel de página do crime, de conto policial ou de crónica cor-de-rosa. Ser a favor da vida não significa apenas lutar contra o aborto e contra a eutanásia. Significa também dar à vida, em cada momento, a profundidade que ela merece. Os trinta dinheiros ainda nos tilintam na cabeça e, não sei porquê, ainda nos fascinam.

## **11. Faça-lhe crer que a vida é um paraíso**

É cada vez mais difícil para mim compreender o suicídio de Francisco, um rapaz de dezoito anos, de Ostia, apesar da abundante documentação. Deixo de lado, voluntariamente, tudo o que respeita à preparação de vinte minutos de vídeo e às várias premeditações para que o suicídio fosse bem sucedido. Detenho-me porém, no segundo dos três motivos que deveriam justificar o gesto louco. Francisco escreve: “O primeiro motivo permanecerá um segredo pessoal que ninguém saberá jamais. O segundo é que quero parar de sofrer. O terceiro é que, uma vez que mais cedo ou mais tarde todos morrem, não tenho medo de antecipar este processo.”

Encontro no segundo a chave de leitura deste doloroso episódio. Volto, por isso, a uma antiga tese minha, que reencontro cada vez mais nos jovens de hoje: a profunda fragilidade que apresentam face ao esforço de uma vida verdadeira, feita de derrotas e de vitórias, de limitações, esperas e outras dificuldades normais... Os filhos crescem, sobretudo nos primeiros anos da infância, convencendo-se demasiado que a vida é um paraíso terrestre, feita mais de brinquedos que de dores, mais de caprichos que de deveres.

Criámo-los como se criam as plantas na estufa. Tudo estava bem enquanto os mecanismos da estufa produziam essa atmosfera artificial que permitia aos nossos filhos sentirem-se bem, independentemente do mérito e do esforço. Quando a adolescência os convida a sair desta atmosfera superprotegida com desejo de liberdade e de autonomia, acontece de tudo. A frase mais perturbadora do último gesto da vida deste rapaz de dezoito anos resume-se às duas palavras do segundo motivo: “Quero parar de sofrer”. Traduzida numa linguagem mais acessível e verdadeira, significa interpretar a vida de cada dia como um sofrimento insuportável.

Se não deixarmos depressa, nós, adultos, de cuidar dos nossos filhos como pequenas plantas de estufa, episódios como este duplicarão, perante o nosso desconcerto e incredulidade. Esquecemos cada vez mais que a educação supõe o treino para o esforço, o apoio para enfrentar as derrotas, a paciência e o diálogo ininterrupto, a proposta de gestos solidários e a libertação de tudo quanto possa fazer interpretar a vida como uma peça de teatro, um folhetim ou uma simples telenovela.

## **12. Deixe-o colado à televisão toda a tarde**

A delicada relação entre os menores e a televisão não é apenas um problema, é “o problema dos problemas”. Não sei se os mass media encantam mais os pais se os filhos. Muitas vezes não são os pais que, por falta de tempo e de paciência, substituem a sua voz materna pela voz enfeitiçada da televisão? Os interesses comerciais, a instabilidade das relações dos pais, o fascínio pela fantasia e o abuso imoral da infância vergonhosamente transformada em objecto de especulação, levaram o fenómeno aos limites de uma histeria colectiva.

Os dados dizem que há 87 canais dedicados às crianças, que a difusão da televisão atingiu 70% das famílias e que os nossos filhos passam pelo menos quatro horas por dia colados ao seu “ídolo”! Creio que a coisa mais sensata que nos resta fazer é criar uma mobilização massiva e inteligente da escola e da família para criar baluartes críticos e válidos contra este desvario generalizado. Como educador, gostaria de sublinhar dois dos perigos que podem afectar as crianças dominadas pelos multimédia. Primeiro: a incapacidade, algum tempo depois, de distinguir à sua volta o real do virtual. Segundo: a espantosa sobrecarga de emoções incontidas e concentradas que explodem na sua psique frágil e ainda em processo de formação.

De modo mais cómodo para nós mas mais arriscado para eles, substituímos as indispensáveis fábulas e contos das nossas avós pelos desenhos animados e pelos espectáculos mais diversos e disparatados. Ver crescer pequenos homenzinhos e pequenas mulherzinhas a abarrotar de publicidade, de ficção, de videojogos é a pior desgraça que pode acontecer ao nosso país. Que diferença fará para a criança de cinco anos, imbecilizada pelo bombardeamento da televisão, matar o seu gato verdadeiro ou o seu gato de peluche? E ficamo-nos prudentemente pelos gatos!